

SIMPÓSIO AT219

CORPOS URBANOS E CORPOS DOMÉSTICOS: CAROLINA DE JESUS E O QUARTO DE DESPEJO

NETO, Alves Naimi (autora)
Universidade Paulista- UNIP- DF
naimialves.ng@gmail.com

NASCIMENTO, Alves Ana Luiza (coautora)
Universidade Paulista- UNIP- DF
analvesletras@gmail.com

Resumo: Considerando que os espaços urbanos são reservados apenas para um determinado grupo de pessoas, os que são colocados à margem perdem o direito de ter acesso às ruas da cidade. É importante pensar os mecanismos pelos quais corpos considerados diferentes de um padrão imposto são violentados e eliminados desses espaços. Ainda hoje, o índice de violência contra a mulher, o negro, o pobre, os LGBTQs, o índio e todas as outras minorias é muito elevado nos espaços urbanos. Nesse entendimento, o resgate de obras literárias de uma mulher negra e periférica, que desejou ocupar a cidade, é imprescindível para possibilitar representatividade e justiça social. Sendo assim, a partir das teorias de Judith Butler, Virgínia Woolf, Regina Dalcastagnè, propomos analisar a obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, da autora Carolina Maria de Jesus, a fim de reconhecer traços de resistência à cultura hegemônica e como seu corpo transitava pelo espaço da cidade e da favela.

Palavras-chave: Carolina de Jesus; Mulher negra na literatura; Representatividade; Minorias; Lugar de fala; espaços urbanos.

Abstract: Considering that urban spaces are reserved only for a certain group of people, those placed on the sidelines lose the right to have access to the streets of the city. It is important to think of the mechanisms by which bodies - considered different from a imposed standard - are violated and eliminated from these spaces. Even today, the rate of violence against women, the black, the poor, LGBTQs, Indians and all other minorities is very high in urban spaces. In this understanding, the rescue of literary

works of a black and peripheral woman who wanted to occupy the city is essential to enable representativeness and social justice. Thus, from the theories of Judith Butler, Virginia Woolf, Regina Dalcastagnè, we propose to analyze the work "Fourth Eviction: diary of a favela", by the author Carolina Maria de Jesus, in order to recognize traces of resistance to the hegemonic culture and as his body moved through the space of the city and the *favela*.

Keywords: Carolina de Jesus; Black woman in literature; Representativity; Minorities; Place of speech; urban spaces.

Introdução

O direito à cidade é um direito básico comum a todos os cidadãos, porém é violado constantemente pelo próprio Estado, visto que apenas grupos que são privilegiados socialmente têm o direito de pertencer aos espaços urbanos. Grupos marginalizados são inviabilizados de participar da vida urbana, esses são excluídos e jogados à margem da sociedade. O direito à cidade deveria eliminar a segregação social, dar voz à minoria que é silenciada. O geógrafo David Harvey faz a seguinte análise:

O direito à cidade é muito mais do que a liberdade individual para acessar os recursos urbanos: é o direito de mudar a nós mesmos, mudando a cidade. Aliás, com frequência, não se trata de um direito individual uma vez que esta transformação depende, inevitavelmente, do exercício de um poder coletivo para remodelar os processos de urbanização. A liberdade de criar e recriar nossas cidades e a nós mesmos é, eu quero argumentar, um dos mais preciosos e dos mais negligenciados dos nossos direitos. (HARVEY, 2013, p. 28).

Falar em coletivo é falar nas vozes plurais que há em nossa sociedade, não apenas uma voz que representa a elite brasileira. Se não há participação ativa de todas as vozes na cidade, não é possível transformar a cidade em um espaço democrático. Nesse entendimento, o presente trabalho busca resgatar a voz da mulher, negra e periférica, por meio da análise da obra *Quarto de*

despejo - Diário de uma favelada, da autora Carolina de Jesus, mulher, negra e favelada que desejou ocupar aos espaços urbanos.

1. O desejo de pertencer à cidade

Foi movida pelo desejo de viver uma vida vivível e pertencer aos espaços urbanos que Carolina de Jesus se mudou para São Paulo, cidade grande, acreditando que as oportunidades de ascensão seriam maiores, que, por haver a presença de muitos políticos, as políticas públicas também seriam melhores. Porém, logo ao chegar à cidade, foi enviada (despejada) à favela e percebeu que os políticos não se preocupavam com a população, mas sim em ganhar votos. Vejamos:

[...] Nós somos pobres, viemos para as margens do rio. As margens do rio são os lugares do lixo e dos marginais. Gente da favela é considerado marginais. Não mais se vê os corvos voando as margens do rio, perto dos lixos. Os homens desempregados substituíram os corvos (JESUS, 1963, p.45).

[...] Os políticos só aparecem aqui nas épocas eleitorais. O senhor Candidato Sampaio quando era vereador em 1953 passava os domingos aqui na favela. Ele era tão agradável. Tomava nosso café, bebia nas nossas xícaras. Ele nos dirigia as suas frases de viludo, Brincava com as nossas crianças. Deixou boas impressões por aqui e quando candidatou-se a deputado venceu. Mas na câmara dos deputados não criou um projeto para beneficiar o favelado. Não nos visitou mais (JESUS, 1963, p.32).

Carolina não se conformou, ao contrário de muitos moradores da Canindé. Sua obra é marcada por traços de resistência. O próprio ato de escrever é uma estratégia para se fazer ouvida e vista pela sociedade, escrevia em cada caderno que encontrava catando papel pelas ruas de São Paulo. Procurou pessoas que pudessem publicar seus escritos, mas não foi ouvida até Aldálio Dantas a descobrir como escritora e lhe dar a voz que merecia. Para os que são excluídos da sociedade, é necessário muita insistência e perseverança para conseguirem ter seus objetivos cumpridos. Judith Butler afirma em *Corpos em aliança e a política das ruas*:

[...] Para aqueles apagados e abaixados pela norma que se espera que incorporem, a luta se torna uma batalha corpórea por condição de reconhecimento, uma insistência pública em existir e ter importância. (BUTLER, 2018, p. 44)

Butler reflete sobre a importância da união coletiva desses grupos minoritários para alcançar o reconhecimento. A união em protestos de natureza diversas é de suma importância, tal como na ocupação de espaços públicos, sendo uma forma de se fazer ser visto e dizer que a cidade também pertence a eles, a própria pichação feita por jovens da periferia que querem ser vistos e reconhecidos e, como protesto, deixam suas marcas pelos muros da cidade, escrevendo mensagens de amor, união e revolução. Sendo assim, deixar evidente para as autoridades que o povo tem consciência de que cidade também pertence a ele – ou deveria pertencer – é fundamental para a transformação social.

A cidade não aparece como um pano de fundo amorfo nas obras de Carolina Maria de Jesus, não é apenas paisagem ou retrato, mas elemento de subjetivação e espaço de empoderamento. Afinal, é ali, transitando de um lado para outro, saindo às ruas para catar suas histórias – seja dentro da favela, seja nas suas cercanias, ou mesmo no centro de São Paulo – que ela se faz escritora. É ali que ela registra, por escrito e com grande alcance, uma profunda reflexão sobre quem tem o domínio sobre os espaços públicos no Brasil. E, assim, sua escrita se transforma, ela também, em lugar onde experiências se encontram e, de algum modo, se validam. (DALCASTAGNÈ, 2014)

Atualmente, devido a luta das minorias, políticas públicas inclusivas têm sido assunto social, as pessoas que sempre estiveram à margem da sociedade estão começando a ocupar novos espaços. Segundo Stuart Hall:

[...] e isso não é simplesmente uma abertura, dentro dos espaços dominantes, à ocupação dos de fora. É também o resultado de políticas culturais da diferença, de lutas em torno da diferença, da produção de novas identidades e do aparecimento de novos sujeitos no cenário político e cultural. (HALL, 2003, p. 338).

2. Carolina e a relação com a favela

Carolina não se sentia pertencente à favela, não se conformava com sua situação de favelada e desejou ocupar outros espaços, isso é reafirmado ao não criar um sentimento de afeição pela favela. Porém, paradoxalmente, usava de sua situação de moradora da favela para se defender em algumas situações. Vejamos:

[...] Fui na Dona Juana, ela deu-me pães. Passei na fábrica para ver se tinha tomates. Havia muitas lenhas. Eu ia pegar uns pedaços quando vi um preto dizer para eu não mecher nas lenhas que êle ia bater-me. Eu disse para bater que eu não tenho medo. Êle estava pondo as lenhas dentro do caminhão. Olhou-me com desprezo e disse: – Maloqueira! – por eu ser de maloca é que você não deve mecher comigo. Eu estou habituada a tudo. A roubar, brigar e beber. Eu passo 15 dias em casa e quinze dias na prisão. Já fui sentenciada em Santos. Êle fez menção de agredir-me e eu disse-lhe: – eu sou da favela do Canindé. Sei cortar de gilete e navalha e estou aprendendo a manejar a peixeira. Um nortista está me dando aulas. Se vai me bater pode vir. Comecei apalpar os bolsos. – Onde será que está minha navalha? Hoje o senhor fi ca só com uma orelha. Quando eu bebo umas pingas fi co meio louca. Na favela é assim, tudo que aparece por lá nós batemos e roubamos o dinheiro e tudo que tiver no bolso. O preto fi cou quieto. Eu vim embora. Quando alguém nos insulta é só falar que é da favela e pronto. Nos deixa em paz. Percebi que nós da favela somos temido. Eu desafi ei o preto porque eu sabia que êle não ia vir. Eu não gosto de briga (JESUS, 1963, p.70).

Residir em uma determinada área é um fator que marca nossa identidade social. Como vimos no trecho acima, para a sociedade, quem vive na favela é visto como alguém perigoso, Carolina usou desse estereótipo para se defender em algumas situações. Mas há um conflito nessa relação entre território-identidade. Morar na favela não significa ter uma relação íntima de afeição com ela, pois Carolina rejeitava qualquer traço ou ligação emotiva que a identificasse com a favela.

Considerações finais

Hoje, diante de muita luta e resistência dos grupos minoritários contra a exclusão social e por direitos igualitários, os movimentos promovidos pelas minorias vêm ganhando força e voz na sociedade. Mulheres negras e periféricas, assim como Carolina Maria de Jesus, têm se empoderado, fruto do

movimento feminista, e alcançado lugares jamais ocupados antes por elas. Por isso, vale ressaltar a importância de cada luta.

Porém, acabar com o racismo, machismo, homofobia, desigualdade social, entre outras formas de exclusão que deslegitimam a existência de um em detrimento da do outro, isso ainda é uma utopia, tendo em vista que notícias sobre crimes racistas ainda são recorrentes, a taxa de femicídio no Brasil aumentou no último ano, nós somos um dos países que mais mata LGBTQ e as favelas têm se multiplicado cada vez mais em torno das grandes metrópoles.

Portanto, a literatura deve ser um espaço plural, onde há a presença de todas as vozes. Discutir a obra de Carolina de Jesus é dar visibilidade à uma minoria que foi apagada pelo discurso eurocêntrico. Ouvir a mulher negra pela perspectiva dela mesma e por intermédio da literatura é um dos caminhos para alcançar a justiça social e possibilitar a conscientização humana sobre a importância da representatividade para a sociedade.

Referências

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2018.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira comparada: Para não ser trapo no mundo**. Rio de Janeiro: UERJ; Vinhedo: Horizonte, 2014.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Organização de Liv Sovik. Tradução de Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Editora da UFMG; Brasília: UNESCO, 2003.

JESUS, Carolina Maria de **Quarto de despejo**. 10. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1960.

WARVEY, David. A liberdade da cidade. In: MARICATO, E. **Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomam as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2013.



ISBN 978-85-7946-353-2

